

FOLHA LIVRE

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Anno I { S. CATHARINA }

Joinville, 6 de Março de 1887.

{ BRAZIL }

N.º 7

EXPEDIENTE.

Publica-se aos Domingos.

ASSIGNATURAS

6 mezes 3\$000
Pelo correio 3\$500

Pagamento adiantado.

Redacção — Rua d'Agua.

FOLHA LIVRE

Joinville, 6 de Março de 1887.

A escravidão por cá

Todos os mezes temos occasião de presenciar quadros revoltantes de escravidão.

Escravos e escravas siviciados por senhores-algozes apresentam-se constantemente queixando-se ás autoridades das pancadas e máos tratos que soffrem.

Quando por quasi todas as provincias o abolicionismo vae ganhando terreno e se apoderando do espirito popular, vemos nós cheios da mais pungente magua, a quasi indiferença que reina entre nós por essa santa e digna causa.

Não é que faltem espiritos adiantados — temol-os de sobra; mas falta-nos o incentivo,

FOLHETIM

Chuviscos

— Moleque?
— Senhor?
— Forragaita é bom rapaz?
— Ola se é! mas...
— Mas, o que?
— Ha muita gente que não gosta delle. Ainda hontem eu vinha do porto quando chegou o vaporsinho; estavam uns sujeitos a conversar. Dizia um: Que capoeira enorme nessas ruas! Parece que a nossa camara não tem olhos. O outro respondeu: O Forragaita para isso não olha; pois era bem bom que elle mettesse o *bedelho* nestas cousas em vez de andar escrevendo tolices...
— Ora, moleque! aposto que esses dous eram o Gonsalinho e o Curuvina. O que ha de novo pela terra e fóra della?
— Cá por casa... nem assumpto com que tazer uma virgula. Pelos jornaes veio a noticia da demissão do ministro da guerra, que andava guerreando os guerreiros do paiz.
— E os outros ministros ficaram ainda?
— Ora, ora! caraduras... São capazes de permanecer no ministerio mesmo depois de mortos. Ora diga-me uma cousa: quem é que organisará ministerio depois que esbandalhar-se o do Sr. Cotegipe?
— Ha de ser o João Alfredo.
— Qual, o que! está enganado; será um politico de mais força e que nós conhecemos.

falta-nos a propaganda para arrancar os espiritos do torpor.

O povo não deve mostrar a indiferença criminosa dos governos liberal e conservador; os abolicionistas devem agitar a luta em todos os recantos, uma luta heroica, sem descanso e sem treguas.

A cruzada deve procurar de preferencia os pequenos logares, que são justamente os grandes focos de escravidão e o ninho da escravocracia ferrenha e teroz.

Se a victoria do abolicionismo é fatal como o sol de amanhã e toda a propaganda vae servir para apressar o desfecho da luta, é para lamentar que os abolicionistas não procurem unir os seus esforços, trabalhar, esmagar as consciencias absecadas dos negreiros, acabar com essa vergonha, arrancar essa planta execravel que faz sombra as ceáras do porvir da nossa terra!

Esperar do governo liberal e conservador, que tem contemporisado com todos os crimes, com todás as baixezas do ultimo reinado!...

Esperar de Saraiva, Cotegipe e D. Pedro! Nunca a luz ha de sahir d'essa trilogia de treva.

Os governos não de se succeder um ao outro e o escravo ha de ser escravo, em quanto restar um desgraçado nascido antes da lei Rio Branco.

Havemos de presenciar esta vergonha das vergonhas — a escravidão acabar só quando não houver mais victimas e o chicote *sobreviver* ao ultimo escravo!

Miseria! Culpa do poder, e culpa do povo — do poder porque não acaba com a escravidão, do povo porque ainda suporta esse poder tyrannico e cruel, que

— O Paulino?...
— Qual Paulino! muito acima!
— E' o Corrêa (o senador)...
— Ah! ah! suba, suba!
— O Junqueira...
— Está tolo! muito acima de Junqueira...
— Então não sei. Será o Affonso Celso, o Dantas, o Saraiva?
— Nada disso; mesmo no partido conservador é que elle *actualmente* está. Veja se adivinha o homem a quem a nossa provincia deve tudo; um talento universalmente conhecido, um estadista incomparavel...
— Então é o proprio imperador...
— O imperador? o que é que a elle deve esta provincia? Qual imperador! muito acima!...
— Então quem é essa maravilha, moleque?
— E' o Pinto Lima!
— Ah!...
Este meu moleque é atilado! isto ainda dava um bom estadista!

A semana finda ia nos pondo o inverno em casa; era bem bom que elle viesse, porque o verão é capaz de me torrar. O que me valia eram os banhos; logo pela madrugada punha-me como um sapo debaixo de uma das bicas do nosso encanamento d'agua, abria a torneira, e deixava correr a existencia. Mas o caiporismo que nunca me deixa, havia de fazer com que as bicas seccassem!
O que acho singular é o distico que a nossa illustrissima faz collocar nos chafarizes quando entende que não me hei de refrescar;

protege o crime e deixa no entretanto a intancia sem instrucção e o mestre-escola definhando na indigencia!

Se o povo quizesse!... O *vouloir c'est pouvoir*, só é verdade para o povo, mas elle tambem tem epochas de marasmo como os reptis.

Se o povo quizesse!... A escravidão acabar-se-hia como tem se acabado os burgos podres da tyrannia.

Mas o povo não quer e contenta-se em derramar sobre a cabeça dos negreiros a bilis de uma coléra esteril.

Emquanto isto o negreiro dorme tranquillo e o feitor sorri, atagando amorosamente o cabo do chicote.

A crise ministerial

A nossa imparcialidade em materia politica não deve impor-nos o criminoso silencio diante dos factos que se estão passando na alta região politica do nosso paiz. Tambem queremos, nesta emergencia, externar nossa opinião, porque, como unico jornal brasileiro na comarca, não devemos conservar a prejudicial indiferença que muito bem se poderia traduzir por — falta de patriotismo.

Todos sabem como no nosso paiz cabe um ministerio e um outro sobe, como se mudam situações... Seguindo a regra geral, que tão poucas vezes tem soffrido excepções, cahio a situação liberal em 19 de Agosto de 1885

põe disticos em allemão! Oh, senhores da municipal! em que paiz estamos? qual é a lingua official da nação?!

Não admira, se aqui a collectoria, a propria camara e os juizes de paz e até as autoridades de S. Bento, lavram editaes em allemão...

Meus amigos: cada macaco no seu galho, é um rifão antigo.

Quem não sabe a lingua do paiz não deve ter a vaidade de querer ser funcionario, nem vereador, que é para não passar por vexame.

Se se dissesse algures que aqui as discussões em sessão da camara não são estabelecidas na lingua do paiz, havia-se de dizer: o Brazil é um paiz essencialmente... bobo.

* * *
— Moleque?
— Aqui estou. Pensa que fujo?
— Sabes em que estou pensando? Que os leitores da „Folha“ julgam que nós já desapparecemos.
— E eu estava a pensar n'outra cousa.
— Em que?
— Que ha muita gente em S. Francisco que suppõe a „Folha“ ser politica somente porque ella noticiou a inauguração do pharol em desacordo com a opinião de um dos grupos!
— E' que a politica não tem idéas, e nessa falta serve-lhe a bandeira essas ninharias de collocação de pharol... pharol, não! pharolête. Vê li moleque, quão difficil é a vida de um jornalista imparcial! Lá porque não satisfaz a este ou quelle... Deus te livre!
— Entretanto... a allandega dorme...

e subio o partido conservador com o actual ministerio presidido pelo nobre Barão de Cotegipe.

A esterilidade da situação liberal, que tanto mais foi notada, quanto o partido promettera na opposição — reforma ou revolução —, fazia com que se esperasse alguma cousa operando-se a mudança da situação.

O partido liberal, subdividido por fracções hostis e pelas idéas abolicionistas que se diffundem dia a dia, tornara-se traco para prolongar-se no governo da nação. O conservador, que tivera nos oito annos de opposição o tempo necessario para esquecer as dissensões que tambem lavravam no seu seio e tornar-se forte pela união dos seus elementos separados, julgou azada a occasião de subir, e, si *vera est fama*, capitulando com o ultimo ministerio liberal, galgou as ameias do poder.

Em roda do nome do Barão de Cotegipe, o mais proeminente chefe do partido conservador, agrupavam-se todas as esperanças. A illustração do seu espirito, a sua energia e sobre tudo a sua notoria habilidade como estadista faziam suppor-lhe um Moysés politico, a ponto de parecer que o proprio partido liberal applaudia-lhe a ascensão.

Quasi dous annos, porém, de governo, o nobre Barão de Cotegipe tem desmentido todas as esperanças ligadas a seu vulto politico; de uma teimosia inquebrantavel, elle tem despertado desgostos no proprio partido de que é chefe. A sua passagem pelas regides do poder seria mais uma daquellas muitas de mero expediente, se para maior infelicidade não sustentasse elle idéas mais atrasadas a cerca do elemento servil, immigração e outros assumptos que pela sua importancia mereceriam todo o cuidado de um governo adiantado.

Agora, uma demasia de disciplina com que se quer pear uma certa autonomia de que deve gosar o militar, foi causa de que pedisse demissão da pasta da guerra o Snr. conselheiro Alfredo Rodrigues Chaves, depois de ter procurado ver se o capricho ministerial se quebraria por parte da classe militar, unida sob a direcção do general Deodoro da Fonseca, o ex-presidente da provincia do Rio Grande do Sul, que desobedeceu ao governo no cumprimento de certa ordem attinente á mesma questão.

— E ha de dormir! Faz-me lembrar aquelles celebres telegrammas annunciando a chegada de tres vapores por mez no porto de S. Francisco, e que afinal de contas era *pulha* do ministro.

— O que admira é que o bom povo de S. Francisco, que tem sido tão ludibriado pelos dous partidos politicos em suas justas aspirações, continue a brigar, irmão contra irmão, por causa dos politicões que querem subir a custa alheia!

— E dizer-se que tanta gente seria serve de escada para tanto ingrato subir...

* * *

— Dizem os ultimos jornaes que a guerra entre alguns paizes europeos será infallivel. veja só! na Europa, a guerra; na America, o cholera! Que desgraça para a humanidade! que gastos para os governos! Paizes ha de haver que não poderão supportar tantos golpes!

— Em quanto não nos tocar por cá, bom será.

— De certo. Eu as vezes levo a parafuzar uma cousa...

— O que é?

— Quem pagará tantas despezas, porque ellas serão fabulosas!

— Ora, ora! quem ha de ser!

— Pois quem será?

— O Brazil! moleque, pois não vês que o Brazil é o eterno paio dos outros paizes?!

FORRAGAITA.

A pedido ou não, a retirada do nobre ministro da guerra foi um triumpho para os militares, e pela mesma razão a perca da força moral do governo.

Se os ministros são solidarios, como o são, o desprestigio de um importa no desprestigio de todos os companheiros.

O que faz, por tanto, ainda o gabinete Cotegipe no poder? Sem força moral, pode até ser nos funesto um tal governo.

O apego ao poder que tão imprudentemente tem denotado o actual ministerio, ha sido na côrte commentado por diversos modos: uns, que o Snr de Cotegipe não quer entregar o poder ao seu proprio partido, outros que aguarda-se a escolha do senador por S. Paulo, afim de que S. M. o Imperador se veja *forçado* a escolher o actual ministro da Agricultura (conselheiro A. Prado), outros ainda que fortes compromissos para certas nomeações demoram o ministerio no posto, donde por dignidade propria devia estar apeado.

A vida do ministerio 20 de Agosto será curta, e a nosso ver é o proprio partido conservador o mais interessado na sua queda, porque a sua estada no poder tem sido um desgano doloroso para o paiz e como que uma negação do espirito reformador do partido conservador brasileiro.

Com a organização de qualquer outro gabinete o partido conservador ha de desmentir o juizo pouco lisongeiro que o actual gabinete tem dado motivo que delle se forme.

Da nossa completa neutralidade, observaremos devidamente a marcha dos negocios publicos para passarmos aos nossos leitores.

LITTERATURA

Ultimo beijo

Teve uma nota triste aquelle triste drama, Que irá levar, de certo, a magua mais profunda A todo o coração que um outro ofaga e ama.

Dous noivos juvenis no barco repousavam, Quem sabe se a dormir após doces caricias, Quem sabe se dizendo o quanto se adoravam.

Pouco a pouco, de manso, o Tejo foi tragando O gigante de ferro, enquanto os dous, felizes, Sósinhos no beliche em paz iam noivando.

Ella abraçou-se a elle; e toda aconchegada Ao seu peito gelado, a custo segredou-lhe: — Dá-me outro beijo mais! Tão fria a madrugada! ...

CASIMIRO DANTAS.

Flôr agreste

(S...)

Vorbei! vorbei!

(Goethe — Faust.)

Tantos annos la vão, meu Deus! Oh! que saudade Do meu primeiro amor de agreste suavidade! Eu vi-a, ella me vio, e nesse instante doce Minh'alma deslumbrada e tremula ajoelhou-se. Amamo-nos depois — e que affeição aquella! — Celeste como a luz dos proprios olhos d'ella! Que diga a branca lua que silenciosa erra No indefinido azul do ceu da minha terra, As vezes que nos vio em meigas noites calmas, A scismar... a scismar unindo as nossas almas N'um riso, n'um olhar, n'um temeroso beijo, Que a labio rouba ao labio entre nuvens de peijo! Que diga o sol da tarde, a brisa dos vargedos A historia desse amor que não teve segredos, Desse idyllo infantil dos bons tempos de outr'ora.. Minh'alma ao recordar geme, soluça e chora! Foi lá na solidão dos matagães selvagens Que nosso amor nasceu á sombra das folhagens, Como uma flor serrana. A estufa sensual Das salas não cretouse-lhe a urna virginal, Onde nunca roçou a aza do peccado: Era casto, idéal, limpo, immaculado, Como um raio de sol de abril. Amei-a! amei-a! Fiz do amor um altar, fiz um poema da ideia,

E fiz d'ella o meu Deus! Tremulo me curvei, Humilde como um paria e mais feliz que um rei! Nossa vida era assim — um ninho pendurado N'um ramo todo em flor, da brisa balouçado, Aquecendo-se ao sol nas densas serranias E la dentro um casal de aves irradias, Longe de extranho olhar, longe de extranha mão. O sol era o amor, a brisa era a illusão! O' que infundo gozar! que tempos cor de rosa! Minh'alma embevecida, tremula, receiosa, Deixava-se arrastar inconsciente e perdida Nas torrentes do amor, como a folha sem vida Que resvala na vaga e vae de abysmo á abysmo... Que amor! que adoração! que doce mysticismo! Todo o meu ser se ia estonteado, indeciso, Cego de um seu olhar, ebrio de um seu sorriso! E perdi-a, meu Deus! meu Deus, tu m'a roubaste! — Flor, o vento a esfolhou no espedaçado angaste; — Astro, tombou no cahos! Desmoronou-se tudo, O presente e o porvir. Estatelado e mudo E deslumbrado e só, n'essa atonia louca, Sem lagrimas, sem voz, d'angustia que soffoca, Eu vi eila expirar no placido retiro Em que amou. Ainda ouvi-lhe o ultimo suspiro Indistincto e plangente; ainda senti a bafejo Dos seus labios sem cor, no enregelado beijo Da nossa despedida!... A noite era tão beila, Quando o anjo se foi!... O espaço tinha aquella Transparencia ideal, azul, indefinida Que falla ao coração dos sonhos d'outra vida. Nem uma voz no ar! As folhagens e os ventos Dormiam. A lua vertia grandes deslumbramentos Envolvendo a campina e as matas orvalhadas, N'um manto virginal de opalas coaguladas! Morreu! A pallidez translucida e tranquilla Dos anjos, a envolvia; na languida pupilla Esvacuu-lhe o olhar, brando!... sempre mais brande, Volvido para mim! julguei vel-a sonhando Com idylls de amor, e roseos poemas ledos! Tão fria, meu Deus! tão fria! Enregolei meus dedos, Apertando-lhe a mão, aquella nivea mão, Que eu outr'ora beijava, humilde como um cão! Que noite. O luar vertia dos matagães nos bancos, Longos haustos de luz, grandes soluços brancos! Toda a amplidão se enchia dessa mudez sonora Que faz ajoelhar a alma de quem chora E alma de quem cê. As rútilas scintellas Do orvalho, estremeciam nas petalas vermelhas Dos cactos que abriam o morno colo langue, Como o pranto a escorrer de palpebras em sangue! Que noite! E eila morria! morria tão suavemente Como a flor que emmurchece e esfolha-se dormente No solo... Como a vaga azul que vae e vae E se arrufa e estremece e espumilha e se crava Na praia... Como a nuvem branca que desliza Tremula e se desfaz, se perde e volatiza No ceu... Que despertar, meu Deus! que realidade! Tão negra! Que saudade iguala a essa saudade, Se nunca ainda houve amor tão extremo, tão sauto! Que dor aquelle dor! Que pranto aquelle pranto Esqualido e feroz que requeimou-me o cilio! Que exilio neste mundo iguala ao meu exilio Tão ermo e frio! Eu fui como o viajor soanho Que tombou fulminado a beira do caminho, Quando escutava e via alem... alem... no ar... Os sinos de sua patria, o fumo de seu lar!

Hoje ella dorme ali, na fralda azul da serra, A' mansa luz do luar do ceu de miuha terra.

(Sonatinas) 1887. L. DE BARROS.

Quando te escuto...

O destino cruel que me maltrata Que a flor do meu viver assim desfolha; O futuro de horror que se me antolha, Que as esperanças emmurchece e mata;

A saudade que tanto bem retrata Relendo do passado a linda folha, Quando o pranto sentido as faces molha E a ferida lá dentro se dilata;

Tudo esqueço... e esquecerá mais ainda Se pudesse existir maior tormento Na sorte que devera ser tão linda.

Tudo esqueço... da sorte me contenta E a credito gosar ventura infanda Quando te escuto embora um só momento

AUGUSTO RIBEIRO

SECÇÃO NOTICIOSA

No dia 2 d'este mez apresentaram-se em casa do Snr. Dr. Juiz de Direito da comarca duas escravas, uma delias por nome Eila

de 30 annos de idade, com dois filhos menores e outra chamada Eugenia, de 22 annos; ambas escravas de Luiz Ramos (conhecido por Luiz Fortes) do lugar "Rainha." As duas infelizes vinham fugidas do rancho em que moravam na propriedade de seu senhor, porque este tentou esbordal-as. Fizeram a pé toda essa viagem até Joinville, chegando no mais triste estado de canceira, fraqueza e fome. A primeira, que mostrava visíveis indícios de molestia, estava com as roupas andrajosas, com os braços quasi nus, e exaurida de forças; quasi não podia por em pé!

Quem presenciou esta scena disse-nos o seguinte: — "fazia vir lagrimas aos olhos."

O Snr. Capitão João Evangelista Leal que tão generosamente tem esposado a causa dos captivos, promptamente acorreo a pedido do digno Juiz e com entusiasmo de sempre está tratando de promover a liberdade da infeliz Rita, o que acaba de conseguir.

Procedeu-se o exame de sanidade a seu requerimento, ao qual assistirão os dois clinicos Drs. Wigando Engelke e Carlos Lange que declararam o seguinte: "A parda Rita acha-se no ultimo estado de leukhermia e com opilação e insuficiencia da metralis bem pronunciadas, soffrendo, além disso, de febre intermitente terciaria, e que ser-lhe ha preciso rigoroso tratamento para salvar-se do perigo de vida em que pelas ditas doencas se tem de achar."

O Snr. Capitão Leal tinha requerido deposito e curador.

E' esperado das officinas da côrte um novo aparelho Morse, servido a tinta, para a estação telegraphica desta cidade.

Seguiu para S. Francisco, afim d'ali seguir para o Rio de Janeiro, o Snr. Augusto Ribeiro, a quem desejamos feliz viagem.

O nosso companheiro de redacção Manoel Corrêa de Freitas foi honrado pelo "Club Tiradentes" do Rio de Janeiro, com o titulo de socio correspondente, pelo que o felicitamos.

No dia 3 entrou o Snr. Dr. Hormino Martins Curvello em exercicio do cargo de juiz municipal e de orphãos do termo de São Francisco.

Falleceu ante-hontem, em S. Francisco, o innocente Antonio, filho do Snr. Antonio Augusto Ribeiro.

— Na côrte, falleceu o quinto annista de medicina Francisco Cortez, irmão do Sr. Alfredo Cortez, que aqui residio como escripturario da Estrada D. Francisca.

O espectáculo particular que um gremio de amadores dava no theatrinho de S. Francisco, ficou transferido, como se vê do annuncio publicado na secção competente.

Pelos editaes da nossa camara municipal publicados no "Kolonie-Zeitung" e "Reform", vemos marcada a proxima sessão para o dia 14 do corrente.

Seja-nos permittido notar aqui, muito á puridade, o facto da nossa edilidade deixar de annunciar suas sessões pelo nosso modesto jornal, quando entretanto o faz pelos nossos dous dignos collegas acima referidos.

Estrauhemos esse procedimento para com o unico jornal do municipio, escripto na lingua do paiz e que, sendo lido pela maioria dos brasileiros, seria o mais conveniente meio de lhes fazer sciente de taes publicações. Quando isso não fosse uma obrigação moral da nossa Camara, seria sem duvida alguma indiscutivel conveniencia, se ella quer, como supponmos, fazer-se conhecida da população brasileira do municipio.

Não é interesse pecuniarario que nos dicta esta observação, pois as publicações deste genero temos feito gratis, como gratis nos parece fazel-as um dos collegas que citamos,

mesmo porque a verba para isso destinada é diminuta e dada sob contracto, so qual, alias, não nos sugeitariamos.

Hoje a "Boa Noite" dá a sua partida mensal.

Apezar do vaporzinho "Dona Francisca" pertencer a uma empresa particular, ou mesmo a um só proprietario, todavia, pelo privilegio concedido, deiva estar sugeito a certas obrigações para com o publico. Um prejuizo que de ha muito notamos é o horario inconveniente que se dá para as suas viagens, que recahem quasi sempre em adiantada hora da noite ou de madrugada.

E' verdade que o vaporzinho regula as suas viagens pelas marés, mas as viagens que faz de noite bem pode fazer com a maré do dia, sem que nisso haja inconveniencia alguma para elle, havendo entretanto toda a comodidade para o passageiro, que não se vê obrigado a velar uma noite inteira para não perder a passagem, sugeitando-se não poucas vezes embarcar debaixo da chuva em noite escura com prejuizo da propria saude.

Pedimos e esperamos de quem competir a necessaria attenção para esta justa reclamação.

Devia ter hontem chegado em S. Francisco o vapor "Rio de Janeiro" vindo dos portos do norte.

O "Humayta" não faz a primeira viagem deste mez, devendo estar aqui a 13.

De S. Francisco, aqui estiveram na ultima semana o Snr. Valentim Antonio de Souza com sua Exma. familia e o Sr. Salustiano da Costa Pereira.

SECÇÃO AMENA

Coisas e Loisas

De binoculo. O "Congresso" vai indo, mas falta-lhe um *que* para ficar hors-ligne. Falta-lhe o sal da conversação, esse adubo indispensavel sem o que o *espirito* não faz explosão e o chic não se *refina*.

As mocinhas joinvillenses são amaveis, atrahentes, bonitas (isso é velho!) e elegantes, mas a rapaziada é surumbatica e pretere fumar e beber um capilé a dar dois dedos de prosa com uma dessas tentadoras filhas de Eva.

Um convidado perguntou-nos uma vez, ingenuamente:

— Pode dizer-me se isto é um instituto de surdos-mudos?

— Não, Snr.; é o Congresso.

— Ah!!!!

Conversai, rapazia! Sobre modas, que é uma mina inexgotavel, sobre litteratura, que é um poço sem fundo. O ceu, as estrellas, a lua, o sol, as flores, os perfumes.... eis um nunca acabar de temas que estão a pedir variações com todos os bemóes do chic.

Muitos tem umas prosas! Escutai um momento o que aquelles dois dizem; é um idyllo digno de um pastor d'Arcadia com Galathéa.

— Prima Simplicia, que calor!

— Qual, isso é modestia!

* * *

De duas coisas arre nego:

De homens que *pregam* petas.

De moças qua fazem *prego*.

* * *

— Minha Senhora, adoro-a, sou o escravo dos seus ollios!

— Que pena! Meus olhos são abolicionistas.

* * *

Entre um namorador e um comilão.

— Eu tenho uma paixão — os olhos

— Eu tenho outra paixão — os albos.

* * *

O Forragaita, seguindo o nosso conselho, tirou o retrato e mandou á alguns assignantes "mais do peito." Recebemos um tambem. Eil-o:

Caraça de bolacha o uma *bicanca*

Que vai d'aqui a Barra Velha, ou mais!

Tem *chinó*, (que chinó!); usa tamanca,

E é senhor de dois pés descommunes!

Tem perto da bicanca uma verruga

Com certeza maior de que um repolho,

Usa oculos azues de tartaruga,

P'ra encobrir um defeito:— elle é caolho!

Ainda que o pobre queira andar na puva,

Não pode; tão cruel a sorte foi!

Para que aquella mão calce uma luva

E' necessario que se esfole um boi.

Os beijos (que beijollas!) são dois paios!

Beijos descommunes como os das fulas!

Quando os vejo desfaço-me em desmaios,

E soluço-bocarra: não me engulas!

De longe elle parece um espantalho,

Desses que poem-se nos quintaes de couve,

Mas de perto, sentado sobre um galho,

E' um bugio a labar-se, quando chove

Mas aqui, ou ali, na rua ou no beco,

Seja onde for, a gente que o encontra

Diz a se rir: ó tapioca, ó méco!

Typo, farello, tabaréo, bilontra!

* * *

Este anno não tivemos caraaval, mas em compensação, brevemente teremos os *cavalinhos*.

O Forragaita desde já toma gemadas todos os dias, preparando a garganta para poder brilhar no *O palhaço que saia!* *O palhaço á scena!* Fiáu! Fiáu! Fiáu! Nunca o vemos tão satisfeito como quando se falla na companhia equestre que nos vem visitar, fica que nem macaco quando vê bananas. Andamos desconfiados que o Forragaita já serviu de palhaço em alguma companhia. Poser que sim.

* * *

Estamos com a quaresma em casa. A poucos dias que ella nos veio bater á porta e já andamos com a barriga collocada á espinha dorsal. Isto de comer só bacalhão é cousa que de modo algum nos agrada. Entretanto não somos dos mais infelizes, ha pobres creaturas nas fazendas que comem *bacalhau* todo anno, *bacalhau* de peor especie. A quaresma faz uma boa parrelha com nossa sogra. São dignos uma de outra. Todas duas são velhas, magras, desdenfadas, cheias de rugas; todos duas gostam de igrejas, jejuns, rosarios e confissões. Pedimos ao diabo que as arrebate, a quaresma e a soura, o mais breve possivel para o reino dos... infernos. Amen.

* * *

Não podemos deixar de complimentar a sympathica Alice, que se nos apresentou em um dos numeros passados da "Folha Livre" cheia de mil encantos, toda taceira e gentil. Ficamos verdadeiramente encantados diante de tanta singeleza e formosura. Não julguem os leitores que dizemos isto com o fim de bacular Alice. Nada. Costumamos sempre acreditar o que sentimos.

GONSALINHO E CURUVINA.

SECÇÃO LIVRE

Pergunta innocente. Um abuso inqualificavel.

Com estes dois titulos publicaram-se nos nos 4 e 5 desta folha dois pequenos artigos censurando a certo sujeito, que abonda uma escrava por 25\$000 por locação de serviço por 4 annos e que quiz vender os serviços de um ingenho, filho da mesma, por 30\$000 etc.

Ha quem diga que essas 'groceirias' são dirigidas á minha pessoa, posto que esteja bem longe de o suppor, por não ter abonado escrava alguma por esse preço, com essas condições, com filho, e de viuva

Entretanto, pode bem acontecer que a mim se dirijam aquelles artigos, visto como intellizmente temos homens sem escrupulos, levianos, que poderiam tomar essa desventurada tarefa, ou algum menino de pouco senso, que necessite de curador.

Se o autor dos alludidos artigos é pessoa que esteja no caso de responder pelos seus feitos, e si foi a mim que se dirigio, directa ou indirectamente, convidado com todo o interesse que declare, assigne seus escriptos e assumna responsabilidade legal, como eu taço; depois do que responderei na altura que elles merecem e tratarei da minha defesa em qualquer terreno em que collocar a questão.

S. Bento, 1.º de Março de 1887.

MIGUEL SOARES DE OLIVEIRA CERCAL.

DECLARAÇÕES

A' praça

Os abaixo assignados, Procopio Gomes d'Oliveira a Francisco José Ribeiro, participão a esta praça e a qualquer outra com quem tenham tido negocio, que estão liquidando sua firma, e por essa razão pedem a quem se julgar ser seu credor apresentar sua conta até o fim do corrente mez, que sendo legal será satisfeita, pois que findo este prazo não se attenderá a reclamação alguma.

Encarecidamente pedem a seus devedores sem excepção, o obsequio de mandarem saldar suas contas, do contrario serão entregues a um cobrador.

Joinville, 1 de Março de 1887.

OLIVEIRA & RIBEIRO
em liquidação.

ANNUNCIOS

VIUVA M. SCHNEIDER

negociante estabelecida nesta cidade pede a seus devedores que venham saldar suas contas até o dia 15 de Março proximo.

Joinville, 15 de Fevereiro de 1887.

FOGÕES ECONOMICOS

PARA CASA DE FAMILIA E HOTEIS.

Francisco Machado da Luz

encarrega-se de mandar vir do Rio de Janeiro fogões economicos.

Aos interessados apresentará os desenhos e os modelos.

RUA DO PRINCIPE.

BOTEQUIM

DO

Hotel Ipiranga

AOS FREGUEZES:

VER PARA CRER!

N'este botequim ha -

Bacalhão, dito em conserva, peixe em conserva, sardinhas, arenques, lagostas, ostras em lata; azeite doce, vinagre Lisboa, azeite de dendê, azeitonas, linguiça, salames, mortadella, extracto de carne, molho inglez e conserva ingleza; cevadinha, sopa „Juliana“, aletria, macarrão e lasanha; chá superior; vinhos do Porto „D. Luiz“, Navarro, Collares, Souterne, Virgem, Bordeaux, Champagne; Vermuth; cognac M. B. e outras marcas; arguarente do Reino, laranginha, Kümmel, Boonekamp, genebra hollandeza; cervejas Karlsberg, preta, e nacional de diversas fabricas, agua de Seltz; retrescos de ananaz, capilé, gomma, cajú, limão, groseille, orgeat; licores de cacáo, chartreux, baunilha, gengibre, laranja; doces em latas e em vidros, marmeladas, ameixas etc. etc; queijos do Reino, creme de creme e de Minas; bages, hervilhas, arperges &c. tudo generos frescos e superiores, legitimos e baratos a vista da qualidade.

Rua d'Agua

C. D. Maia.

Miguel Soares d'Oliveira
Cercal

se encarrega de cobranças de dividas e compras documentadas simples ou com hypothecas para cobrar por sua conta; aceita qualquer questão civil ou commercial e defende perante o Tribunal do Jury, por preços accomodados

Aos pobres — gratuitamente.

E' encontrado a qualquer hora em sua casa a rua de S. Pedro n'esta cidade.

C. D. D.

Ficou transferida para o proximo sabbado, 12 do corrente, a recita annunciada para o dia 5 deste mez, por motivos imperiosos

S. Francisco, 4 de Março de 1887.

O Secretario: JONATHAS BOMPEIXE.

Açougue

DE

João Kurscheidt.

Neste conhecido açougue vende-se excellente carne a 200 réis o kilo servindo-se o freguez a gosto.

RUA D'AGUA.

UM

ESPLENDIDO SORTIMENTO

DE

Casemiras, pannos e diagonaes

de bonitos e variados padrões acaba de receber directamente da

EUROPA

VIUVA M. SCHNEIDER

RUA DO PRINCIPE.

Aferição.

Todas as pessoas que ainda não mandaram proceder á aferição dos pesos e medidas correspondentes ao corrente anno, convidado a que os apresentem para este fim em minha casa, ficando sob as penas da lei aquelles que não fizerem.

Joinville, 1.º de Março de 1887.

O aferidor,

FERNANDO MÜLLER.

Typ. de C. W. Boehm. Joinville.